

MANIFESTO DA CES

28 de abril de 2023

Dia Internacional em Memória dos Trabalhadores vítimas de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais

Vítimas do amianto instam UE a pôr termo ao escândalo do cancro no local de trabalho

As vítimas de cancro profissional e as suas famílias apelam Hoje, no **Dia Internacional em Memória dos Trabalhadores**, aos líderes da UE para que proporcionem aos trabalhadores o mais elevado nível possível de proteção contra o amianto.

Todos os anos, cerca de 90 000 pessoas perdem a vida devido ao cancro relacionado com o amianto na UE, o que faz deste cancro a principal causa de mortalidade no local de trabalho.

Entre 4 e 7 milhões de trabalhadores, em toda a UE, estão expostos ao amianto e prevê-se que esse número aumente cerca de 4 % na próxima década, em resultado da renovação de edifícios no âmbito do Pacto Ecológico da UE.

A UE está atualmente a rever o limite de exposição ao amianto, mas a Comissão Europeia e o Conselho Europeu querem mantê-lo a um nível perigosamente elevado, a fim de minimizar os custos para as empresas.

Para mostrar as consequências de tal decisão, os sindicatos estão a publicar os testemunhos daqueles cujas vidas foram ceifadas pelo cancro causado pela exposição ao amianto no trabalho.

Entre eles contam-se:

- Duas irmãs que perderam ambos os pais: "Uma doença sem possibilidade de tratamento, terrivelmente angustiante para toda a família... sufoca-te."
- Um trabalhador reformado dos transportes: "Isto é como uma espada de Dâmocles. A qualquer momento, posso falecer."
- Dois irmãos que perderam ambos os pais: "A morte foi, em última análise, a redenção do tormento que tivemos de suportar."
- Ativista que perdeu pais e irmãos: "O amianto ainda está em edifícios dos anos 60 e 70, envelhecendo, caindo aos pedaços, sendo inalado. As pessoas precisam estar atentas."

Os sindicatos pedem o limite de exposição profissional mais seguro possível ao amianto: 1000 fibras/m³, tal como recomendado pela Comissão Internacional de Saúde Ocupacional e apoiado pelo Parlamento Europeu.

Isso reduziria de 884 o número de mortes por cancro relacionadas com o amianto que são esperadas para os próximos 40 anos para 26, de acordo com um estudo promovido pela Comissão Europeia.

No entanto, a Comissão Europeia e o Conselho Europeu continuam a defender que seria um "encargo desproporcionado para as empresas" e querem um limite dez vezes superior (10 000 fibras/m³).

Este valor é igual ou superior ao atual limite de exposição ao amianto na Dinamarca, França, Alemanha e Países Baixos, o que significa que este limite não traria qualquer benefício a um terço da população da UE.

Assistir-se-ia também a quase 10 vezes mais pessoas a morrer de cancro relacionado com o amianto (221) do que se fosse adotado um limite de exposição de 1 000 fibras/m³.

O Secretário-Geral adjunto da CES, Claes-Mikael Stahl, declarou:

"Embora o amianto tenha sido proibido na Europa durante quase duas décadas, a sua utilização deixou um longo legado de dor e sofrimento que, ainda, todos os anos leva dezenas de milhares de famílias a serem dilaceradas pelo cancro."

"Há demasiado tempo que os trabalhadores pagam com a vida devido aos baixos padrões de segurança. Sabemos agora que o amianto é a ameaça mais mortal da Europa no local de trabalho, pelo que não há desculpa para meias medidas."

"A tão necessária renovação de edifícios que faz parte do Pacto Ecológico Europeu vai conduzir a um aumento de trabalhadores que se encontram expostos ao amianto. Os dirigentes da UE têm, por conseguinte, a responsabilidade moral de lhes proporcionar condições de trabalho o mais seguras possíveis."

"No Dia Internacional em Memória dos Trabalhadores, é hora de os políticos aprenderem as lições do passado e, finalmente, colocarem a segurança das pessoas acima dos lucros a qualquer custo."

O Secretário-Geral da Federação Internacional dos Trabalhadores da Construção e da Madeira, Tom Deleu, afirmou:

"Neste Dia Internacional em Memória dos Trabalhadores, concentramos a nossa atenção no amianto, uma ameaça que ainda existe por aí, em edifícios privados e públicos, em escolas, hospitais e nas nossas casas."

"Continua a matar os trabalhadores da construção civil, que inalam este material mortal todos os dias no seu dia de trabalho sempre que ocorre uma reabilitação de edifícios. É tempo de colocar a vida e a saúde dos trabalhadores à frente do lucro.

"Vamos parar com esta pandemia. A Vaga de Renovação é vital, mas deve ser feita de forma segura para os trabalhadores. Temos de baixar o nível de exposição, temos de formar estes trabalhadores, temos de os proteger."

"Garantir a segurança dos trabalhadores, salvar vidas, está nas mãos da Comissão Europeia, que deve agir e garantir um nível de proteção de 1.000 fibras/m³."

Observações

Mortes esperadas por cancro relacionadas com o amianto ao longo dos 40 anos, com base em diferentes valores-limite de exposição profissional.

Fonte: Comissão Europeia

Notas:

	Cancro do pulmão e mesotelioma	Cancro da laringe e do ovário	Total
1000 fibras/cm ³ Proposta do Parlamento Europeu e da União	24	2	26
10 000 fibras/cm ³ Proposta da Comissão Europeia e do Conselho Europeu	201	20	221

Estudos de caso

Martin e Grega Velušček, família das vítimas – [Leia o estudo de caso completo](#)

"Após a confirmação do diagnóstico, a nossa mãe recebeu todos os cuidados de que necessitava e procuraram-se tratamentos alternativos, incluindo no estrangeiro. Mas a expectativa de vida desses pacientes é inferior a um ano, de modo que o doente e as pessoas próximas a ela têm sentimentos mistos de esperança, desesperança e descrença."

"Os últimos dias antes da morte dos doentes em cuidados paliativos são psicologicamente desgastantes." Um ano após a morte da nossa mãe, também o nosso pai sentiu dores nas costas, e os exames mostraram que ele já tinha metástases ósseas e que também tinha mesotelioma pleural. Paralelamente ao tratamento convencional, tentámos arranjar um tratamento de imunoterapia para ele em Heidelberg, na Alemanha."

"O aspeto mais marcante da visita àquele hospital foi a pergunta do médico sobre se o nosso pai tinha consciência da gravidade e incurabilidade da doença. A resposta foi, obviamente, sim. O hospital de Heidelberg realizou todos os testes e, três meses depois, anunciou que o tratamento poderia ser tentado. Mas nessa altura o nosso pai já estava morto."

"Enfrentar um diagnóstico que oferece pouca esperança de melhorar foi extremamente desgastante mentalmente para os pais e para toda a família. O tempo que antecedeu a morte não foi praticamente nada além de uma despedida, e a morte foi, em última análise, a redenção do tormento que tivemos de suportar."

Isidoro Aparício, vítima

"Tenho uma série de cicatrizes nos pulmões. De seis em seis meses sou examinado no hospital. Nunca fui informado do risco do meu trabalho. Comecei a trabalhar no metro de Madrid na década de 1960. No início era

motorista e depois de passar num concurso público fui para as oficinas, no departamento de pneumática. Eu era técnico e tinha um assistente: ele e eu reparávamos a abertura das portas, que funcionavam com cintos de amianto. Para fazer o amianto grudar um pouco melhor, costumávamos colocá-lo na boca. Verdadeiras atrocidades.”

“O que mais me irrita é que nunca me disseram nada e que os responsáveis por isto estão a sair sem deixar rasto e nenhum dos responsáveis quis saber nada sobre isso. A equipa médica do metro também devia saber alguma coisa. Fui operado e foram feitos muitos exames. Quando fui ver os resultados, o oncologista disse-me que os meus pulmões estavam danificados.”

“A partir de agora estou a ser acompanhado de perto. Agradeço aos sindicatos, aos seus advogados, ao Ministério Público e ao inspetor do trabalho a sua ajuda. Fico cada vez mais cansado. Eu costumava adorar caminhadas nas montanhas. Agora não consigo mais, porque fico exausto. Isto é como uma espada de Dâmocles em que, a qualquer momento, o que tenho dentro de mim pode acordar e eu posso morrer. Peço também que este tipo de coisas nunca mais volte a acontecer. Os políticos têm de pedir desculpa por nunca nos terem pedido desculpa.”

Eric Jonckheere, presidente da Associação Belga das Vítimas do Amianto (Abeva) e vítima

“Comecei como ativista contra o amianto, só mais tarde descobri que também era vítima. O meu pai morreu de mesotelioma, depois a minha mãe também ficou doente. Ela mandou-me fazer exames e aos meus irmãos para saber se tínhamos estado em contacto com o amianto. Todos nós o tínhamos. Os meus pais e irmãos acabaram por morrer devido à exposição ao amianto.”

“Antes de morrer, a minha mãe moveu uma ação judicial contra a Eternit e o seu desejo era conscientizar as pessoas sobre os perigos da exposição ao amianto. A indústria mentiu sobre o perigo do amianto e mudou-se da Europa para países menos desenvolvidos.”

"Quero apontar o dedo à indústria, porque ela move-se para obter lucro, a saúde da sua conta bancária é mais importante do que a saúde dos trabalhadores e da vida das pessoas. Conheciam os perigos e esconderam-nos dos trabalhadores, dos legisladores, apenas para obter lucro. O amianto ainda está em edifícios dos anos 60 e 70, envelhecendo, caindo aos pedaços, sendo inalado. As pessoas têm de estar conscientes disso."

"Como presidente da ABEVA ajudamos as famílias, com burocracia, damos apoio. Não se trata apenas dos doentes, para as famílias, tudo é exaustivo também. Como explicar a uma multinacional que o lugar ao seu lado na cama está vazio?"

"Eu sabia que tinha amianto nos pulmões, mas depois seguimos em frente, até o momento em que descobrimos que somos o próximo da fila. Tudo o que planeamos vai pelo ralo, é como um tsunami que nos tira tudo: a sua saúde, o seu emprego, os seus planos. E na minha falta de oportunidade, fui privilegiado porque já sabia que tinha isso em mim, não perdemos tempo com testes. Eu fui um dos 5% que são operáveis, os médicos removeram tudo. Então, dois anos depois, ainda aqui estou."

Maria Jesús e Yolanda Masa García, família das vítimas - [Leia o estudo de caso completo](#)

"O nosso pai morreu em 1997 de pneumonia por mesotelioma, aos 66 anos. Uma doença sem possibilidade de tratamento, terrivelmente angustiante para toda a família... sufoca-nos. Quando os sintomas pioraram, os médicos falaram-nos sobre a possível ligação entre sua atividade e essa doença nos membros diretos da família. Quando meu pai morreu, a minha irmã tinha 26 anos e eu 32 anos. A minha mãe, Matilde García Lopez, dona de casa, ficou viúva aos 65 anos."

"Durante esse tempo, recebíamos notícias periodicamente de colegas do meu pai que estavam a morrer. Em janeiro de 2003, a minha mãe começou a sofrer de dores nas costas, que se agravaram progressivamente. Toda a

gente pensava que era causada por dores musculares, má postura... Esta dor aumentou e após vários exames médicos no Hospital Universitário de Palencia foi diagnosticada com mesotelioma pleural em maio do mesmo ano. Este tipo de cancro é específico para o contacto direto com o amianto devido à coexistência e manuseamento de vestuário de trabalho. Faleceu no dia 24 de setembro de 2003. Desde então, a nossa família sofre com o terrível flagelo do amianto."

Lenie Stormbroek, vítima

"Nunca pensei que ia ficar doente com amianto. Eu tinha ouvido falar, mas sempre pensei que ocorria em homens que tinham trabalhado muito com amianto. Achamos que vem do trabalho de demolição e entulho que meu pai costumava fazer. Ele garantiu que prédios antigos, galpões e estábulos fossem demolidos e os escombros fossem removidos novamente. A empresa do meu pai deslocava-se pela casa dos meus pais, que por vezes também continha detritos contendo amianto dos projetos de demolição do meu pai."

"Desde tenra idade até me casar, ajudei regularmente a minha mãe a bater e limpar as roupas de trabalho do meu pai e do meu irmão que também trabalhava na empresa. Suspeitamos que desenvolvi mesotelioma por causa disso. Até há pouco tempo, não sabia quão perigoso é o amianto."

Juan Carlos, representante sindical

"Em 2003, os organismos de segurança social solicitaram informações sobre partes de comboios que continham amianto. Foi feito um relatório que foi mantido escondido dos trabalhadores. Os sindicatos recorreram então aos tribunais, onde o relatório foi tornado público pela polícia. O Tribunal só teve conhecimento deste relatório em 2017. O Metro de Madrid não informou nenhum trabalhador até 2017, pelo que o Ministério Público disse que havia um crime contra a saúde dos trabalhadores."

"Foram acusadas 7 pessoas responsáveis pelo Metro, mas eram quadros intermédios. Os diretores são políticos da Comunidade de Madrid, que não foram acusados. Os comboios antigos tinham amianto por todo o lado, por exemplo, no chão, na pintura e nos travões. Em 2005 começámos a construir novos comboios sem amianto, mas ainda estamos a encontrar peças com amianto porque nos pediram para transferir peças dos comboios antigos para os novos."

"No metro de Madrid temos 14 mortes devido ao amianto e 7 colegas doentes. A maioria dos trabalhadores que contraíram esta doença já estão reformados, devido ao longo período de latência desta doença. Acreditamos que há colegas que morreram sem saber que foi devido à asbestose"

"Graças ao trabalho do sindicato, estas compensações foram conseguidas, bem como um mapa do amianto onde estão incluídas todas as peças contínuas. O sindicato conseguiu que a Segurança Social realizasse exames médicos aos trabalhadores reformados há muitos anos. Isto não foi fácil, porque como já não eram trabalhadores, o direito e a obrigação de se submeterem a exames médicos deixaram de se aplicar."

"Para os trabalhadores ativos, o que nos exigem é a possibilidade de uma reforma antecipada, pois é muito provável que venham a contrair a doença no futuro. Também exigimos exames médicos mais abrangentes. Se forem utilizados apenas exames de raios-X, o amianto é encontrado quando já é tarde demais para a doença. Queremos que as tomografias sejam usadas. Queremos também um menor nível de exposição ao amianto".

Tradução da responsabilidade do Departamento de SST da UGT



Tradução com o apoio:

Cofinanciado por:

